

IMIGRANTES ITALIANOS NO INTERIOR DE SÃO PAULO (1895 - 1925): UMA HISTÓRIA DE SOCIALIZAÇÃO E ADAPTAÇÃO EM NOVOS PADRÕES CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

IMIGRANTES ITALIANOS EN EL INTERIOR DE SÃO PAULO (1895 - 1925): UNA HISTORIA DE SOCIALIZACIÓN Y ADAPTACIÓN EN NUEVOS ESTÁNDAR CULTURALES E IDENTIRIOS DEL BRASIL DEL INICIO DEL SIGLO XX

Fernando Tadeu Germinatti¹

Resumo

O presente trabalho se propõe a refletir a respeito da vinda dos imigrantes italianos ao interior de São Paulo e como ajudaram a construir uma nova identidade nacional brasileira. Este texto analisa através de elementos históricos, assim, pretendendo-se compreender os elementos estruturais sócio-políticos que condicionaram o incentivo aos processos migratórios. Assim sendo, ao considerar os imigrantes como atores sociais que estabelecem práticas culturais em seu espaço praticado e seu envolvimento com outros espaços culturais, parte-se a refletir sobre a profusão de configurações indenitárias que se moldam ao tempo e espaço praticado. Assim, tem-se por objetivo trazer a questão migratória como enfoque central da discussão envolvendo, articulando então a massa migratória do início do século XX com a configuração e condições econômica, social e cultural.

Palavras-Chave: Identidade; socialização; imigração; Cultura.

Resumen

El presente trabajo se propone reflexionar sobre la venida de los inmigrantes italianos al interior de San Pablo y cómo ayudaron a construir una nueva identidad nacional brasileña. Este texto analiza a través de elementos históricos, así, pretendiendo comprender los elementos estructurales socio-políticos que condicionaron lo incentivo a los procesos migratorios. Así, al considerar a los inmigrantes como actores sociales que establecen prácticas culturales en su espacio practicado y su implicación con otros espacios culturales, se parte a reflexionar sobre la profusión de configuraciones indenitarias que se moldean al tiempo y espacio practicado. Así, se tiene por objetivo traer la cuestión inmigratoria como enfoque central de la discusión involucrando, articulando entonces la masa inmigratoria del inicio del siglo XX con la configuración y condiciones económica, social y cultural.

Palabras claves: la identidad; socialización; la inmigración; cultura.

¹ Mestrando em história; Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO); Guarapuava, Paraná; Brasil; Germinattifer@outlook.com

1. Introdução

A vinda dos imigrantes italianos ao Brasil configura-se como um dos maiores fluxos migratórios do mundo. Em vista disso, a possibilidade de trabalhar a presente temática faz-se pela necessidade em analisar o movimento migratório de indivíduos italianos que se destinaram ao estado de São Paulo, especialmente, durante a República Velha - Primeira República (1889-1930), como se ,ainda que não redefinidor, mas instrumento associado a melhoria da cultura e raça brasileira. Em linhas gerais, partindo do pressuposto argumentativo de trânsitos populacionais humanos e a necessidade do indivíduo em deixar seu espaço de origem, distintas culturas em transito pelo espaço urbano geraram conflitos e assimilações, assim sendo, o trabalho que se segue, pretende ter em mente que os processos migratórios que tomaram conta dos discursos políticos no pós abolição como forma de “branquear” a população, representavam os anseios políticos que calcavam-se nos discursos eugenistas para atrair imigrantes europeus brancos, tidos com boas marcas culturais e raciais.

Insta salientar que influenciadas por discursos e práticas as imigrações de sujeitos europeus foram levadas ao patamar de evolução, em prisma cultural, social e humano. Se, segundo Massey (1990), as migrações internacionais surgem como questão política a partir das grandes navegações do século XVI, a questão das migrações involuntárias vai ocupar a agenda internacional a partir da pós- guerra, é de se supor que os encontros entre estrangeiros eram inevitáveis, e com eles as trocas de informações, e principalmente seus jeitos, gostos, linguagens. Ora, nesse sentido, conforme esse conjunto de elementos se fazia presente nas transições internacionais, em tempos coloniais do descobrimento do “ novo mundo”, principalmente ao que toca no contanto e enfrentamento de culturas díspares.

Posteriormente, entre os séculos XVII e XVIII há uma alteração das formas de imigração ao Brasil, questão incrementada pelo avanço e intensificação do negro escravizado, é importante deter-se para a questão de que o desenrolar do século XVII ao XVIII inclina-se para o fator econômico no arrojamento das atividades cafeeiras que se espalhavam pelos recantos do Brasil. Cumpridas as colocações iniciais, no mais, trata-se de infundir e compreender um poderoso lócus profícuo de reflexão ao que tange os processos decisórios da vinda dos imigrantes italianos ao Estado de São Paulo do fim do século XIX ao século XX, paradoxalmente, as relações estabelecidas com o advento migratório declaram um movimento de fluxo contínuo e trocas identitárias, e assim, na esteira deste debate, aponta-se condições migratórias específicas que dessem condição e margem de pensar um país civilizatório e industrializado, e como não poderia deixar de ser, com uma vertente cultural Europeia.

Em vista disso, diante do quadro que se estabelece, não seria exagero pensar , então, que os indivíduos foram “ distribuídos” pelas cidades de acordo com suas condições econômicas, raças , costumes e práticas sociais aderindo, assim, a novos hábitos e costumes, outrossim, ao evocar o ingresso dos imigrantes italianos em um contexto sociocultural dispare e plural, encontra-se múltiplas possibilidades de análise ao que tange o encontro e entrosamento de identidades culturais, mediado entretanto, por um discurso político voltado ao incremento do indivíduo europeu como forma de civilizar o Brasil, país envolto às manifestações culturais indígenas e negras, o que para a elite aristocrática ex- escravocrata significava o atraso do país frente ao novo mundo, que teria em suas bases de sustentação o apoio no capitalismo industrial, na ciência, na cultura do europeu .

2. Desenvolvimento

2.1 Construção identitária cultural do imigrante e identidade nacional

A priori, o historiador Jeffrey Lesser (2001) chamou de negociação de identidade, isto é, articulações entre os imigrantes na busca de uma posição mais privilegiada na hierarquia social a partir de investimentos simbólicos que diluam o caráter depreciativo de suas identidades, concedendo a estas, sentidos mais aceitos e valorizados. Portanto, partindo do pressuposto argumentativo de as migrações ao longo da história humana se fazem presentes pelo fato de necessidade do ser em encontrar melhor local para sua vivência, uma vez que sua deslocação do ambiente de origem é causada por conflitos, crises econômica, influências climáticas como secas, alagações, frio em excesso, perseguição por motivos religiosos e políticos etc. Assim sendo, a análise que se inicia privilegia os seguintes pontos a imigração italiana ao Brasil do fim do século XIX e início do século XX.

No presente artigo, em particular, nos deteremos em analisar as imigrações de cidadãos ocorridas na modernidade respeitando o recorte temporal do fim do século XIX ao início do século XX. No entanto, encontram-se sinais de imigrações distintas, de modo que no período que se deram as grandes ondas migratórias (1884 – 1930). Parte-se, neste artigo, da intenção em atrair um tipo de imigrante que coincidiria com um indivíduo portador de “boas características” físicas, sociais e culturais. De tal forma que a partir do século XIX ancoram-se as características biológicas como definidora das relações sociais, ao passo que, no século XVII e XVIII os definidores sociais de distinção se calcavam nos preceitos religiosos e culturais.

No bojo deste debate, ao mesmo tempo que havia uma questão econômica em torno do debate da substituição da mão de obra, sinais políticos chamavam a atenção para o fator de aplicar no Brasil uma higienização da raça, de modo, que os imigrantes seriam peça chave para se implantar discursos de limpeza das impurezas deixadas pela soberania da raça negra. Ou seja, utilizando-se do artifício discursivo da substituição de mão de obra escrava por uma mão de obra branca e europeia e assim mais avançada mental e civilizadamente, optou-se pelo imigrante em detrimento do negro. A partir deste refluxo, de acordo com Sayad (1998), a imigração está diretamente relacionada com o trabalho, e o imigrante “é essencialmente força de trabalho provisória [...], temporária, em trânsito”.

Ora, postula-se então além das causas a condição do imigrante enquanto indivíduo que se desloca no espaço, procurando aderir e se adaptar a contextos externos ao seu. Isso posto, o movimento característico da imigração do indivíduo, pauta-se pela saída de sua origem local em busca de trabalho. É nesse sentido que também se deram as imigrações ao Brasil, e no caso em específico dos italianos ao Brasil, no andar da valorização das culturas europeias para formação de uma identidade nacional avançada. Manuel Castells (2000, p. 22), entende a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(uais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.”

E assim, em um esforço de síntese, essa perspectiva segue o pressuposto de que comumente, se vê que uma das questões basilares trazidas quando trata-se da temática da imigração italiana ao Brasil, entendendo os imigrantes como atores sociais provenientes de um espaço cultural praticado, nessa mesma toada, ainda segundo Castells (1999, p. 22/23) o conceito de identidade a atores sociais atribui-se como sendo “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-

relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Destarte, substancialmente, o desejo dos imigrantes se estabelecer socialmente entre seus pares, mantendo os laços culturais e afetivos comuns, de forma que , mantendo o entendimento de que “[...] a cultura de um indivíduo é dependente da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura de um grupo ou classe é dependente da cultura do conjunto da sociedade à qual pertence aquele grupo ou classe” (ELIOT, 2011, p. 23).

Adentrando à concepção de que um dos pontos centrais da discussão é em meados da década de 80 do século XIX o Brasil instituiu uma política imigratória, que começou com o objetivo de financiar europeus para que se tornassem pequenos proprietários e produtores de terra, a fim de ocupar e movimentar economicamente as regiões do sul do país, mas que terminou com os grandes proprietários de terra, agricultores da exportação, financiando a vinda destes para usá-los na agricultura (ALVIM, 1998, p. 231). Esses elementos também potencializam o tipo de imigrante agradável aos olhos da elite dominante, estão em reconfigurar as características que marcaram o período Imperial (1822 a 1889), outro aspecto a sublinhar é o movimento político que incentivara a vinda dos imigrantes europeus, vistos naquela altura como projeto de desenvolvimento.

Nestas circunstâncias, com a abolição da escravatura em 1888, com a Proclamação da República em 1889, profundas mudanças na estrutura produtiva da sociedade estavam em andamento, visto que a libertados os escravos negros, fora imposto o discurso de que as lavouras em especial de café careciam de mão de obra, para assim implantar uma necessidade de imigração para suprir a mão de obra negra. Indo pelo viés de que a cidade de São Paulo, nesse momento, era um enorme centro de intercâmbio da força de trabalho, partindo daí inúmeras caravanas de imigrantes para o interior rumo as novas fazendas de café do oeste (VANGELISTA, 1991). A consolidação desses fluxos migratórios, em Bertonha, em seu livro intitulado *A imigração italiana no Brasil*, informa que no século XX existiam “italianos e seus descendentes em toda a América Latina, nas colônias europeias da África e da Ásia e no Leste Europeu, além de grupos consideráveis no norte da África, especialmente na Tunísia, no Egito, além do continente australiano” (2004, p. 9-10). Nesse viés, o historiador João Fabio Bertonha oferece um breve panorama que sobrevoa a migração italiana aos variados continentes deixando a entender a magnitude que cerca o debate.

E assim, com efeito, ao tratar da condição específica do Brasil , em que recebera um grande contingente de imigrantes italianos, a contar desde a abolição da escravatura (1888) e durante as primeiras décadas da República Velha (1889-1930), de modo claro , que a condição econômica propiciara em parte tal condição imigratória, por seu turno, a economia cafeeira criou a infraestrutura necessária para o surgimento da industrialização; o café trouxe a ferrovia, as estradas, o aumento da população e da mão de obra livre com o fomento à imigração; o café trouxe também a prática de comércio exterior, a monetização da economia e o desenvolvimento de um mercado para produtos manufaturados (Dean, 1971, p. 9-16). Assim, insere-se também nessa estrutura que tais aspectos, assim delineados, permitem ensejar que na nova moldura do Brasil enquanto país civilizado, a imigração representação além de um ato político voltado a substituição da mão de obra escrava, mas também um ato ideológico de limpeza das más heranças culturais e sociais deixadas pelos índios e negros. Nessa dinâmica que se imbrica , a consolidação desses novos fatores como a necessidade econômica em, no entanto, a questão imigrante como vê-se nasceu nem tanto da falta de mão de obra visto que havia um grande contingente de ex-escravos.

Partindo dessa premissa, o racismo foi incorporado à visão da política história, transformando-se numa das principais armas do imperialismo e, em muitos países, serviu como ideologia a orientar políticas de Estado (ARENDR, 2004, p. 189; FOUCAULT, 2005, p.199). Aliando-se a estes fatores, imprescindível, pois, salientar que a questão basilar que estrutura o discurso do “bom imigrante”, ou seja, de forma mais nítida referindo-se ao sujeito europeu como aquele indivíduo capaz de responder aos anseios de modernidade e projeto civilizatório requerido pelo discurso político. Não obstante, houve ainda um modelo de racismo cultural que sobrevoou o fim do século XIX ao início do XX no tocante à consideração da práticas indígenas e africanas, sendo elas religiosas, culturais, dialetos, vestimenta, de forma assim como percebe-se, o italiana estaria apto à visão de um Brasil europeizado, branco e portador de práticas culturais valorizadas.

Todos esses discursos associativos, caminhavam a reforçar simbolicamente alterar a imagem e própria identidade do indivíduo brasileiro, deixando-o mais símile à imagem do europeu ocidental, com características físicas e culturais aproximadas. Para Hall (1979, p. 202), não há dúvida de que as origens da imigração em grande escala estão “intimamente relacionadas à questão da escravidão. Embora frequentemente se diga que a abolição tornou possível a migração em massa, provavelmente a relação oposta está mais próxima da verdade”. Contudo, cabe indagar em que medida as “boas” origens do imigrante favoreciam sua entrada no Brasil como forma de fortalecimento de um projeto político instaurado na República Velha (1889-1930). É neste contexto que todas as ações sociais são culturais, uma vez que “expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (HALL, 1997, p. 16).

Dessas assertiva, criam-se modelos de identidades buscadas aos moldes dos desejos das classes dominantes, de modo que a imigração viria a obedecer tais anseios, incrementando sobre o povo brasileiro contornos culturais europeus, tais tidos como a culinária, o idioma, o modo de portar-se, a religião cristã. Evidentemente, assim, que o sentido de "culturas nacionais" e mesmo o sentido de "nação" é imaginário (HALL, 1998, p. 48/49), assim constando, que o pensamento para elaboração de uma identidade cultural com viés europeizado vinculava-se ao projeto político em atrair os indivíduos da Europa, em particular os italianos, com fins a branquear a raça brasileira e incluir novos hábitos que conseguissem apagar marcas culturais deixadas por negros e indígenas, não dignas de um país civilizatório.

3. Conclusões

À guisa de conclusão, o texto procurou destacar tentando para as correntes de imigração dos italianos que ocorreram, em grande escala, do pós abolição da escravatura ao longo de toda a república velha, envolvendo para isso, uma abordagem atenta à complexidade conceitual histórica das condições perpassadas naquele momento. Sem dúvida, ao trazer em foco a condição dos imigrantes italianos no interior de São Paulo, encontrou-se questões econômicas e socializadoras que contribuiriam para a imigração italiana, o que por conseguinte, espalhou as formas e laços culturais desses sujeitos. Insta inferir, ainda, que ainda há muito a ser caminhado neste percurso em torno da questão socializadora dos imigrantes, e até por um viés interdisciplinar, que congrega a história e as ciências sociais, ao trazer conceitos e autores da antropologia, economia e sociologia para dialogar a respeito das identidades culturais formadas.

Referências

- ALVIM, Zuleika. *Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo*. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ARENDDT, H. *Origem do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BERTONHA, J. F. *A imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- _____. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O poder da Identidade*. Vol. 2. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- ELIOT, T. S. “*Notas para a definição de cultura*”. Trad. Wolf, Eduardo. Ed. Realizações, São Paulo, 2011.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HALL, Michael. *Italianos em São Paulo, 1880-1920*. Anais do Museu Paulista. Separata XXX. São Paulo, 1979.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. In: *Educação & Realidade*, 22(2): 15-46, jul./dez., 1997.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1998
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SAYAD, A. S. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- VANGELISTA, Chiara. *Os braços da lavoura*. Imigrantes e “caipiras” na formação do mercado de trabalho paulista, 1850-1930. São Paulo: Hucitec, 1991.